

Debulhando o Sagrado: Dificuldades e Potencialidades no Estudo de Recepção de Programas Televisivos Religiosos ¹

José Guibson DANTAS²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Os estudos de recepção midiática começaram a ganhar destaque no campo da Comunicação a partir da década de oitenta, impulsionados pela redemocratização do país. Entretanto, apesar de contar com um campo científico já bem consolidado, poucos pesquisadores se interessaram em estudar o processo de recepção de programas televisivos que tem como temática principal a relação do homem com o Sagrado - mesmo as instituições religiosas marcaram presença no cenário televisivo desde os anos setenta. Com o objetivo de instigar a inclusão da programação religiosa-televisiva na agenda de discussões dos pesquisadores da área, este trabalho vai expor as dificuldades, desafios e potencialidades da análise de recepção de programas televisivos produzidos e veiculados pelas igrejas neopentecostais a partir do relato, em primeira pessoa, de duas investigações desenvolvidas pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Religião; Televisão.

1 Introdução: confissões iniciais

Não gosto muito da ideia de se escrever textos em primeira pessoa na academia, pois acredito que essa informalidade faz com que os argumentos do pesquisador percam um pouco de sua cientificidade. Porém, como o objetivo deste artigo é descrever minha experiência pessoal com os estudos de recepção de programas televisivos religiosos, resolvi me arriscar a escrevê-lo nesse formato.

Antes de tratar especificamente das pesquisas e seus desdobramentos, julgo pertinente contar (resumidamente) as circunstâncias que me fizeram chegar a essa temática e a escolher os estudos de recepção como minha principal área de atuação como pesquisador.

Tudo começa em 2003 quando retorno do primeiro ano do mestrado em Lisboa e inicio a busca por um tema para minha dissertação. É nessa época que me deparo com as obras de SILVA (1985) e LEAL (1986), que descreviam pesquisas que articulavam as

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidad de Málaga. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas, email: joseguibson@gmail.com

relações entre sujeitos e receptores no âmbito da cultura³. Como o enfoque em localizações geográficas ou em classes sociais não me interessava muito, o que me chamou a atenção nessas pesquisas foi o fato de dar destaque às questões socioculturais da audiência, não se limitando a enxergar o processo de comunicação midiática a partir dos meios⁴ - tão comum naquele tempo.

A afeição pelos estudos de recepção se consolidou quando, por acaso, numa visita a uma ex-professora da graduação, fui apresentado à obra “dos meios às mediações” de Jesús Martín-Barbero. A ideia de deslocar a ênfase dos meios para o campo cultural me agradou e para compreender melhor suas premissas resolvi pesquisar autores nacionais que trabalhassem com o autor. Foi quando descobri os textos de JACKS (1999), FOGOLARI (2002) e RONSINI (1995), que me fizeram entender o conceito de “mediação” e sua aplicação em pesquisas multidisciplinares, caracterizadas por dar ao pesquisador certa autonomia na escolha do método e *corpus* de investigação. Dessa forma, curiosamente, elegi a modalidade de pesquisa que queria desenvolver antes mesmo de ter um objeto de estudo definido.

Meses depois, ao retornar de um seminário na Universidade Católica de Pernambuco, me deparei com uma cena inusitada: minha tia anestesiada diante da televisão, com um copo d’água na mão, assistindo um programa da Igreja Universal do Reino de Deus. Pedi licença, sentei ao seu lado e prestei atenção no discurso do apresentador-pastor, que na ocasião pedia que os telespectadores tomassem o líquido após a oração. Vendo aquela cena, me indaguei sobre o nível de influência que aquele tinha sobre a minha tia, que naquele momento representava a audiência de milhares de pessoas espalhadas por todo país. Esse instante de inquietação fez surgir uma pergunta que inauguraria minhas reflexões sobre as relações entre mídia e religião: os telespectadores se comportam de forma passiva ou ativa diante dos conteúdos emitidos por aqueles programas?

Desenvolvi a pesquisa durante catorze meses e ao final, para meu espanto, descobri que os telespectadores eram extremamente críticos diante da televisão, mesmo demonstrando fé na Palavra veiculada. Era uma descoberta surpreendente para quem tinha como hipótese inicial a total passividade dessas pessoas diante do envolvente discurso da Igreja Universal.

³ O primeiro é um estudo comparado da recepção de um telejornal entre operários de duas localidades e o segundo se trata de uma etnografia de audiência comparando a recepção de uma determinada telenovela entre pessoas de classes sociais diferentes (ESCOSTEGUY e JACKS, 2005).

⁴ Segundo ESCOSTEGUY e JACKS (2005, p. 13), Jesús Martín-Barbero chama isso de “mediacentrismo”, uma “identificação estrita da comunicação com os meios de comunicação”.

Apesar do êxito da pesquisa, muitas questões ficaram em aberto. O que mais me deixou intrigado foi o fato dos telespectadores serem críticos, identificarem artimanhas dos pastores para arrecadar dinheiro e mesmo assim continuarem a assistir os programas. O comportamento contraditório desses telespectadores me motivou a aprofundar minhas pesquisas em nível de doutoramento, agora com o objetivo de saber o que levava essas pessoas a adotarem uma espécie de “comodismo consentido” em relação aos projetos de expansão midiático-empresarial de Edir Macedo⁵.

2 As principais dificuldades de se estudar a recepção do Sagrado

Ao longo desses anos, notei que ao mesmo tempo em que ganham visibilidade na mídia, as igrejas neopentecostais procuram se fechar em torno de si mesmas, ou seja, dificultam o acesso de pessoas que não fazem parte do seletivo grupo dos “escolhidos” – como muitas vezes os neopentecostais se autodenominam. Entre as várias dificuldades que encontrei, cito cinco como as principais: o imaginário contraditório do universo neopentecostal, a dificuldade em se distanciar do objeto de pesquisa e ter acesso a ele, falta de referências bibliográficas sobre o tema na área de comunicação, envolvimento emocional com membros da igreja e programação televisiva repetitiva e sequencial.

a) O imaginário contraditório do universo neopentecostal

Uma das características mais interessantes – e bizarras – que percebi no convívio com os neopentecostais é o seu complexo e contraditório imaginário, que muitas vezes desafia a lógica do pesquisador. Certa vez, quando fazia um estudo etnográfico numa cerimônia conhecida como “terapia do amor”, uma mulher viúva que se dizia assídua telespectadora dos programas da Igreja Universal⁶ e que há oito anos frequentava os templos confessava que não acreditava na seriedade do pastor que ministrava o culto, pois segundo suas próprias palavras ele tinha “cara de homem safado”. Prontamente indaguei o porquê dela continuar a assisti-lo na televisão se o mesmo não lhe passava confiança. Sua resposta foi emblemática: “Porque eu o acho simpático e errar é humano”. Na mesma cerimônia, uma jovem aparentando ter cerca de 30 anos comentava com sua colega que um determinado pastor era um homem de Deus, além de “gostoso”.

⁵ Esta foi a terceira pesquisa que fiz sobre a programação televisiva das igrejas neopentecostais e primeira específica sobre a Igreja Universal. A segunda pesquisa foi uma análise das representações sociais do dinheiro no programa Show da Fé de R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus.

⁶ Durante o texto utilizo muitas vezes a Igreja Universal para exemplificar uma conduta que é comum em todo o movimento neopentecostal, já que foi a pioneira e ainda hoje é modelo para as demais igrejas.

Numa outra ocasião, uma Senhora afirma em voz alta que os cultos afro-brasileiros eram os responsáveis pelas coisas ruins que aconteciam às pessoas e que isso começou quando os africanos vieram para o Brasil como escravos. Olhando para ela e observando atentamente sua pele mulata, lhe perguntei a razão dela pensar daquela forma. Sem hesitar, me explicou calmamente que era descendente de negros, mas que sua alma era branca, pois nunca havia frequentado terreiros.

Como podemos observar, no universo neopentecostal, mais precisamente o iurdiano, o sagrado e o profano convivem em harmonia, estabelecendo condutas híbridas que podem dificultar a obtenção de dados por parte do pesquisador ao levá-lo a distanciar-se dos objetivos traçados para saciar curiosidades que surgem ao longo do contato com essa comunidade.

Se tratando de igrejas neopentecostais, tudo que se escreve sobre elas deve ser anteriormente checado empiricamente, pois apesar de existir regras de conduta instituídas pelos líderes, o que se nota é uma surpreendente flexibilidade dentro e fora dessas igrejas que julgo ser um diferencial determinante para seu crescimento face à Igreja Católica – que, ao contrário dos neopentecostais, é rígida com seus fiéis e corporativista com seu clero.

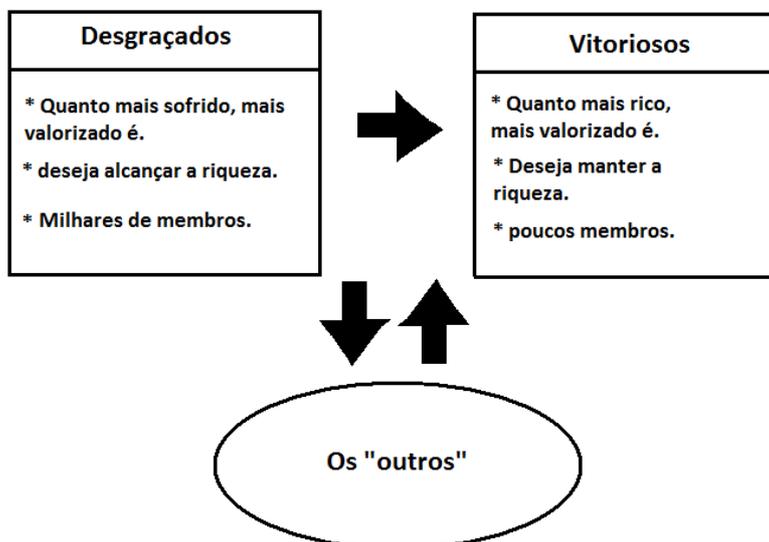
É importante ter em mente que toda a práxis neopentecostal é baseada na Teologia da Prosperidade, em que o Divino se manifesta na aquisição de bens materiais. Essa é, talvez, a única certeza que o pesquisador deve levar em conta, pois cada culto ou cerimônia tem caráter próprio. É o caso, por exemplo, da visão que se tem da medicina tradicional nos cultos do movimento neopentecostal que comumente são exibidos em seus programas matinais. A medicina tradicional, assim como a figura do médico é desvalorizada pelos pastores, que induzem o fiel-telespectador a duvidar dos diagnósticos médicos e a depositarem suas esperanças no dízimo - que logo se converte numa espécie de passaporte para a graça (DANTAS, 2006).

A mais complexa constatação que tive foi o culto inconsciente à desgraça por parte da audiência. Em sua obra sobre estudos de recepção, CALLEJERO (2001, p. 59) afirmou inteligentemente que “é difícil falar da audiência de uma só maneira”, mas tratando-se especificamente da audiência da Igreja Universal a tarefa é ainda mais difícil devido à sua complexidade e uma série de contradições que a permeia.

Uma das contradições mais interessantes que constatei é que ao mesmo tempo em que desejam crescer financeiramente, há entre eles uma tendência a interpretar a desgraça como distinção social, fazendo com que disputem entre si o mérito de ter a vida mais difícil ou ter presenciado terríveis flagelos humanos. Essa transformação da desgraça em “status” foi

uma maneira de fidelizar a audiência, criando uma classificação simbólica para que os iurdianos possam se orientar dentro da comunidade.

Quadro 1: Classificação simbólica dos iurdianos



A classificação é bastante simples e de fácil compreensão. Primeiramente existem os iurdianos e os “outros”, ou seja, as pessoas que não frequentam ou não assistem os programas da Igreja Universal e que são vistas pelos iurdianos como pessoas fadadas a sofrer e receber represálias de Deus por não professarem uma fé supostamente verdadeira. Por sua vez, a Igreja Universal incita seus fieis a ver as outras pessoas como rivais na busca pela ascensão social e, ao mesmo tempo, gera um temor entre eles de voltar ao grupo dos “outros”, de onde a imensa maioria dos iurdianos saiu⁷. Esse maniqueísmo existencial difundido pelos programas foi muito bem assimilado pela audiência, pois como já podemos perceber a visão de mundo deles é baseada num dualismo caracterizado pelo embate de forças opostas.

b) Dificuldade em se distanciar do objeto de pesquisa e ter acesso a ele

Para quem não é neopentecostal, algumas crenças que norteiam a conduta dos membros podem parecer absurdas e demandam uma grande atenção do pesquisador, pois sabemos que a neutralidade científica dificilmente escapa da influência dos dispositivos socioculturais na interpretação dos dados. Essa fronteira imaginária que se forma dentro da

⁷ Os fieis das igrejas neopentecostais em sua grande maioria são, na verdade, pessoas que se converteram à igreja depois de militarem em várias seitas, inclusive afro-brasileiras. Em nossa pesquisa não conhecemos um membro sequer que desenvolveu sua religiosidade, por exemplo, dentro da Igreja Universal.

comunidade neopentecostal entre “eles” e os “outros” (nós) é uma estratégia de dominação que essas instituições encontraram, pois qualquer conduta ecumênica poderia desmascarar algumas práticas de cunho financeiro que aos olhos de quem é de fora certamente pareceriam absurdas. Cito um discurso de um telespectador, ao participar de um grupo focal, ficando o julgamento a critério do leitor: “Às vezes eu digo assim: Deus, eu queria ganhar um milhão para te dar cem mil” (DANTAS, 2007, p. 77).

Para serem absorvidos pelo público sem ruídos de comunicação, os cultos tradicionais (e televisivos) se utilizam de uma linguagem maniqueísta, facilmente adaptada aos interesses momentâneos da instituição. Confesso que em meio à coleta de dados, inúmeras vezes me deu vontade de alertar os fiéis sobre determinadas práticas dos pastores-apresentadores, mesmo tendo em mente as conclusões da primeira pesquisa que desenvolvi e que me mostrou que a audiência dos programas é ativa. Certas ações dos fiéis eram aparentemente tão absurdas que cheguei a duvidar da legitimidade das conclusões de minha própria pesquisa, criando um perigoso sentimento de incredulidade na minha capacidade como pesquisador. Isso me ocorreu numa cerimônia no Templo Maior da Fé, onde se via pessoas moribundas que mal podiam subir no altar sendo aplaudidas de pé pelo público – que respondia com gritos e acenos a cada ato instigador dos pastores. Era chocante a midiática do sofrimento alheio. Enquanto aguardavam sua vez de dar seu testemunho de fé, essas pessoas se colocavam atrás do entrevistado numa tentativa surreal de se enquadrar na filmagem e aparecer no programa televisivo da manhã seguinte.

Além de mexer com a sensibilidade humana, o discurso maniqueísta das igrejas neopentecostais contribuía para dificultar o acesso aos membros e, sobretudo, à cúpula dirigente – que era protegida por centenas de colaboradores, mais conhecidos “obreiros”. A desconfiança dos membros em relação ao mundo exterior pode ser notada a partir da entrada do próprio templo, onde a sensação de estarmos sendo vigiado era constante. Vale ressaltar que, nesse caso, os programas televisivos servem como reforço a esse sentimento de desconfiança, pois “a mídia parecer agir como catalisador, pondo em movimento valores, mentalidades e fatos preexistentes” (RONSINI, 2004, p. 91).

Quadro 2: Discurso maniqueísta neopentecostal

Universo simbólico-maniqueísta dos Neopentecostais

NEOPENTECOSTAIS	OUTROS
Abençoados	Infiéis
Deus	Diabo
Bem	Mal
Escolhidos	Bastardos
Nós	Eles
Dizimistas	Decadentes
Salvos	Condenados

A forma que encontrei para romper essa fronteira simbólica dos iurdianos foi criar um personagem com meus nomes menos usuais (José Delgado) e viver intensamente o cotidiano da comunidade durante oito meses, dizimando mensalmente, dando ofertas generosas em momentos que eu julgava oportunos e me preocupando em não transitar pela cidade de Recife para não ser desmascarado por algum membro da igreja.

c) Falta de referências bibliográficas na área de comunicação

É crescente o número de trabalhos sobre as igrejas neopentecostais nas áreas de Ciências Sociais, Ciências Políticas, Linguística, Antropologia, Teologia e até Psicologia, mas bastante escassos sob a ótica da Comunicação. Há alguns trabalhos que se dedicam a descrever a atuação das igrejas como empresas midiáticas, a analisar o conteúdo das mensagens religiosas, as estratégias de marketing, mas é quase inexistente os estudos de recepção que tem como objeto os programas televisivos gerados pelo movimento neopentecostal. O ineditismo de um estudo é um ponto positivo se levarmos em conta a contribuição que pode dar ao amadurecimento das Ciências da Comunicação, mas é ao mesmo tempo perigoso, pois um dos fatores que norteiam o rigor científico é a experiência adquirida e publicada por outros autores sobre o tema em questão.

d) Envolvimento emocional com membros da igreja

Quando se faz etnografia de audiência e passa-se a viver o cotidiano de um grupo, a médio prazo surge um grande desafio para o pesquisador, que foi documentado por vários antropólogos que viveram com os índios: o envolvimento emocional com as pessoas que integram o *corpus* de pesquisa. No caso específico da última investigação, em que necessitei me inserir numa comunidade religiosa, observei que os demais membros se afeiçoaram ao meu ‘personagem’ e isso me deixava bastante confuso, com certo sentimento de culpa, pois enquanto algumas pessoas ofereciam sincera amizade eu tinha que gerir as relações de acordo com os meus interesses como pesquisador.

Na experiência que tive com os neopentecostais, o contato com os membros da cúpula (pastores, técnicos, profissionais de comunicação) era menos traumática, pois a impressão que me dava é que eles também tinham criado um personagem e estavam ali atuando com interesses particulares, ao contrário do povo, dos fiéis-telespectadores, que se comportavam de forma verdadeira e tinha a igreja como extensão de suas casas.

e) Programação televisiva repetitiva e sequencial

Os pesquisadores que se dedicam atualmente aos estudos de recepção midiática são unânimes em afirmar que para se compreender o processo de recepção é necessário sair do gabinete da universidade e se misturar com o grupo social/receptor para apreender seu modo de vida, suas formas de sociabilidade e imaginário popular. Constatei que a dinâmica que se vê nos templos, com uma riqueza extraordinária de cerimônias, depoimentos com elementos seculares, enfim, de uma agitada vida comunitária, se enfraquece muito quando vai para a tela. Os programas que retratam o que acontece nos templos privilegiam a repetição de casos, como se houvesse uma categorização de temas que são eleitos como midiáticos e não-midiáticos. No quadro a seguir, podemos visualizar alguns exemplos de temas que costumam migrar do ambiente físico para o midiático:

Quadro 3: Temas mais presentes

Pré-seleção de temas

TEMAS	
Midiáticos	Não-midiáticos
Desemprego	Traição conjugal
Cura do câncer	Salvação
Despachos	Promessas no âmbito esportivo
Aquisição de bens	

Como há uma constante repetição de depoimentos e atrações que abordam um mesmo conjunto de temas, o pesquisador é condicionado muitas vezes a desprezar parte da programação por achar que não vai apreender alguma informação nova. Basicamente esses programas televisivos que fazem uma interface com o templo possuem um modelo seqüencial que, com o tempo, o pesquisador decora e o trabalho torna-se por vezes enfadonho – ao contrário da pesquisa etnográfica, que a cada imersão surge um novo fato.

3 Potencialidades e perspectivas da inserção do Sagrado como objeto de estudo de recepção.

Como já disse anteriormente, todo objeto de pesquisa que é pouco estudado torna-se um desafio para o pesquisador, pois o obriga a adaptar pesquisas, métodos e abordagens de outros autores, às vezes sem nenhuma similaridade entre si, para criar condições de investigação e inaugurar uma nova abordagem científica.

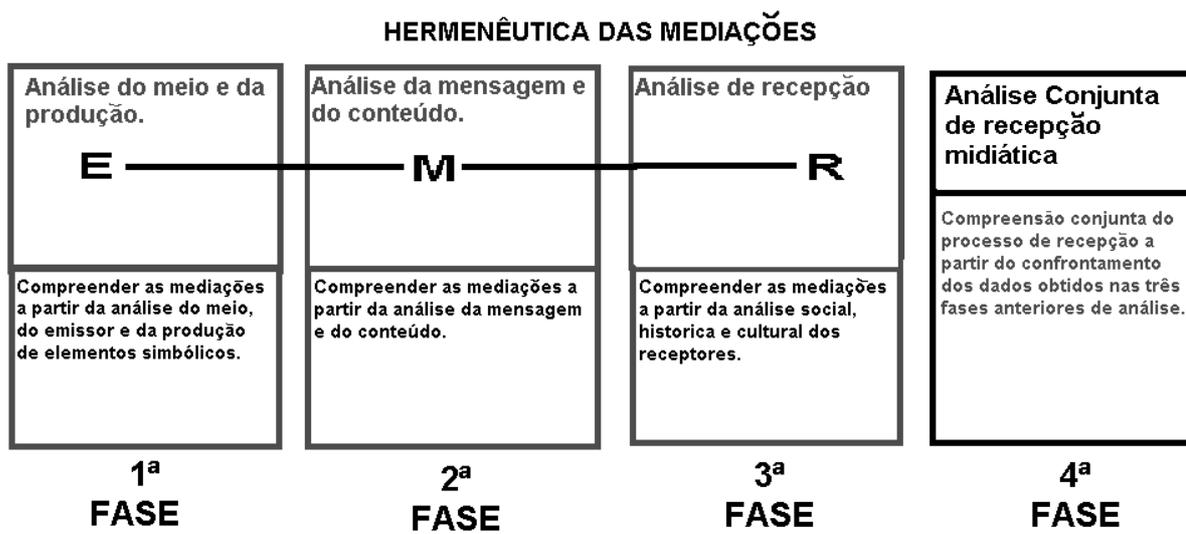
No caso específico das pesquisas de recepção que tem o Sagrado como foco, constatei três características que podem se converter em oportunidade de estudo para o pesquisador: ausência de uma metodologia específica para o estudo da recepção do Sagrado - liberdade para experimentações metodológicas; pouca literatura sobre o tema na área de comunicação - multidisciplinaridade pedagógica; complexidade do objeto de investigação – possibilidade de enfoques variados.

a) Liberdade para experimentações metodológicas

A inexistência de estudos de recepção bem estruturados que abordassem a programação religiosa nacional me obrigou a desenvolver um método próprio de estudo, tendo como arcabouço teórico a Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero e uma forte influência das premissas de THOMPSON (1995). Decidi, então, intitulá-la de “Hermenêutica das Mediações” por dois motivos. Primeiro: o termo hermenêutica, segundo FERREIRA (2004), significa a interpretação das palavras. Como toda idéia ou pesquisa se transforma automaticamente em texto na academia, adotei este termo por achá-lo mais apropriado ao nosso objetivo, que é interpretar determinadas estruturas que influenciam o receptor em sua forma particular de enxergar o mundo. Segundo: Mediações porque o método foi pensado a partir da minha experiência pessoal em trabalhar com o aporte barberiano.

O método foi construído a partir de um paradigma básico da comunicação desenvolvida três séculos antes da era cristã por Aristóteles. Com o modelo “Emissor-Mensagem-Receptor” em mente, estabeleci a análise do processo de recepção em quatro fases: análise do meio e da produção, análise da mensagem e do conteúdo, análise de recepção e análise conjunta de recepção midiática.

Quadro 4: Construção metodológica da pesquisa



Na primeira fase, o conjunto de fatores que levaram ao surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, suas estratégias de comunicação e produção simbólica dos produtos midiáticos foram analisados. Nesta fase deu-se uma grande ênfase à descrição do itinerário histórico da instituição emissora-produtora de sentidos, pois há “uma estreita relação entre a busca de conhecimento e o contexto histórico” (BAILÉN, 2002, p. 9). Na segunda fase as mensagens midiáticas emitidas nos programas televisivos⁸ da Igreja Universal foram analisadas tendo em conta a estrutura da narração e do argumento, as maneiras como a tensão narrativa se combina com características como humor, drama - com o objetivo de apreender a construção das mensagens. Já a terceira fase foi uma análise de recepção no sentido tradicional. Aqui foram feitas entrevistas com questionários abertos, grupo focal, etnografia da audiência e história de vida⁹ que acabaram sendo de grande utilidade no intuito de mapear o comportamento do público diante das mensagens emitidas. Na última fase, intitulada “análise conjunta da recepção midiática”, confrontei os dados

⁸ Decidi gravar apenas os programas exibidos em Recife, já que foi o local onde foram feitas a demais pesquisas.

⁹ Cinco famílias com características pré-estabelecidas foram selecionadas para a pesquisa dentro do templo da Igreja Universal, enquanto fazia um trabalho etnográfico. Convivi doze horas na casa de cada família para compreender seu cotidiano e o papel dos programas na vida dos membros.

obtidos nas três fases anteriores, tendo uma visão macro de todo o processo de recepção dos programas. Esta fase foi decisiva no que diz respeito à conclusão final da pesquisa, pois abrangeu a interferência das mediações (em suas várias tipologias) nos três eixos do paradigma aristotélico, superando um problema muito comum nos estudos de recepção, apontado por VALVERDE (2001, p. 84):

“A análise de recepção de um produto cultural não pode ser reduzida apenas ao estudo do que ocorre ao receptor, como efeito direto da leitura; e ele não pode ser considerado, legitimamente, como o pólo isolado de um processo de puras trocas exteriores”.

b) Multidisciplinaridade pedagógica

A ausência de uma biblioteca sobre o tema nas Ciências da Comunicação me obrigou a buscar em áreas afins alguns conceitos que ao longo das pesquisas se tornaram essenciais para se entender o processo de recepção dos programas televisivos das igrejas neopentecostais. Ao final da revisão bibliográfica me dei conta que a dificuldade em encontrar premissas que sustentassem meu discurso no texto se converteu numa rica experiência, que me fez conhecer teorias e abordagens em vários campos do saber. Isso me ajudou a superar uma série de lacunas na minha formação teórica, facilitando um melhor entendimento de um objeto tão complexo como a religião midiaticizada.

d) Possibilidade de enfoques variados.

A complexidade das igrejas cristãs (e seus desdobramentos na mídia) dá ao pesquisador inesgotáveis possibilidades de estudo. Enquanto escrevia a tese doutoral sobre o poder dos programas televisivos da Igreja Universal no Brasil, listei alguns temas sobre aquela instituição que podem ser investigados sob a ótica dos estudos de recepção:

1. A recepção da liturgia iurdiana como sistema de comunicação popular;
2. A recepção do Diabo na programação televisiva da Igreja Universal;
3. O comportamento dos telespectadores diante do programa “Fala que eu te escuto”: um estudo de recepção.

4. A recepção da programação televisiva da Igreja Universal entre telespectadores fiéis e não-fiéis: um estudo comparado;
5. A recepção do Deus iurdiano em Recife e Salvador: um estudo comparado¹⁰

4 Considerações Finais – Breves orientações para quem deseja enveredar-se pela área de recepção do Sagrado.

Os estudos de recepção midiática a cada dia abrangem novos campos de análise e acompanham de perto as inovações tecnológicas dos meios de comunicação de massa. Pesquisadores como COGO e BRIGNOL (2010) já se deram conta das possibilidades que a Internet trás para a área graças à condição de anonimato dos internautas, que transparece todos os preconceitos e visões de mundo que até então eram desconhecidas – muitas vezes deles mesmos.

Nesse texto tentei mostrar que o estudo de recepção referente aos programas televisivos religiosos ainda é pouco explorado, apesar dessas instituições terem grande visibilidade social e vasta experiência na mídia.

A título de sugestão para aqueles que desejam estudar a recepção do Sagrado na TV, enfatizo a importância de atentarem para as pesquisas etnográficas nos templos da instituição produtora, pois é no cotidiano da comunidade que tudo acontece - que tudo se transforma. A televisão deve ser encarada como um poderoso meio de transmissão do conteúdo religioso, mas a recepção dos mesmos começa dentro do templo, no contato do telespectador-fiel com os líderes, assistindo os rituais *in loco*. Só assim se consegue subsídios essenciais para a formalização de uma análise conjunta de todo processo de recepção.

Dessa forma, além de descobrir o comportamento dos fiéis-telespectadores diante de cada etapa de produção e recepção da mensagem, o pesquisador apreenderá elementos da cultura popular que lhe ajudará a conhecer melhor a sociedade com o qual está inserido e, conseqüentemente, ele mesmo.

¹⁰ Como essas igrejas adaptam seu discurso à cultura local onde são veiculados, o pesquisador pode fazer vários estudos de recepção comparada da programação televisiva, pois notei ao longo dos anos que cada Estado tem uma programação pautada nos temas que fazem parte da agenda de discussões da população local. Em Salvador, por exemplo, onde há forte influência da cultura afro-brasileira, o discurso iurdiano enfatiza muito a guerra santa contra os terreiros. Já em Macapá, onde há alto índice de suicídios, os programas buscam oferecer serviços de autoajuda.

Referências

- BAILÉN, Amparo Huertas. **La audiencia investigada**. Barcelona: Gedisa, 2002.
- CALLEJERO, Javier. **Investigar las audiências** – um análisis cualitativo. Barcelona: Paidós, 2001.
- COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Redes Sociais e os estudos de recepção na Internet**. In: XIX Encontro Anual da Compôs – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2010.
- DANTAS, José Guibson. **Dinheiro – o passaporte para a graça**: as representações sociais do dinheiro no programa Show da Fé. Recife: livrorápido, 2006.
- _____. **Neopentecostais e as mediações culturais** – o comportamento dos telespectadores diante dos programas televisivos das igrejas neopentecostais. Recife: Livrorápido, 2007.
- ESCOTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio de língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004.
- FOGOLARI, Elide Maria. **O visível e o invisível no ver e no olhar a telenovela** – recepção, mediação e imagem. São Paulo: Paulinas, 2002.
- JACKS, Nilda. **Querência** – cultura regional como mediação simbólica. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.
- LEAL, Ondina Fachel. **Etnografia social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RONSINI, Veneza. **Cotidiano rural e recepção da televisão**: o caso Três Barras. Revista Brasileira da Comunicação. V. 17, n. 1, p. 108-118, jan./jun. 1995.
- _____. **Entre a capela e a caixa de abelhas**: identidade culturalç de gringos e gaúchos. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico** – um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VALVERDE, Monclar. **Recepção e sensibilidade**. In: FAUSTO NETO, Antonio et. al. **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.